

# humanitas

**Vol. XXXIX-XL**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

familiar. Relacionando-as com as demais melhorias — na agricultura, na indústria, no comércio — Wolff delinea, por fim, a última face risonha da Alta Idade Média: a evolução dos transportes e a circulação de materiais. Se, em terra, o predomínio das bestas de carga coloca em segundo plano os progressos técnicos, como os carros de duas ou quatro rodas — usados nas vias boas —, é nos transportes marítimos que se notam as melhorias mais significativas: procura-se não só aumentar a capacidade de carga dos navios, mas também a sua velocidade e estabilidade; surgem a galé, a konge hanseática e, finalmente, a nau, oriunda desta, encontrável em Veneza, Pisa e Génova e diferente das naus do Atlântico, todas com capacidade cada vez maior. Com isto, salvo em casos de mercadorias caras e facilmente deterioráveis pelo contacto com a humidade, o transporte preferido foi o marítimo, cujo crescimento determinou, aliás, não apenas o declínio das feiras, como o das organizações postais a elas ligadas, sendo a circulação das notícias feita não só pelos mercadores e patrões de navios, mas também por correios a cavalo (para distâncias curtas) e por uma via postal marítima — a *Scarsella dei Mercanti Fiorentini*, a primeira conhecida, que todas as semanas mandava o correio comum de Avinhão e Génova.

Como parte última dos motivos risonhos, o Autor apresenta a própria renovação do espírito humano. Toma como protótipos Alberti e Da Vinci, génios capazes de descobrir continuidade em coisas aparentemente sem relação, que não sectorizam o pensamento, enraizados mas profundamente universais, embora — faz questão de realçar — fossem homens do seu tempo. No seio da Igreja, mostra a passagem para uma interiorização e uma individualização do sentimento religioso, evocando três nomes que considera importantes: Nicolau de Cusa, Leonardo Bruno e Lourenço Valla.

Na «Tentativa de Balanço», que constitui o capítulo final, Wolff retoma o que foi dito anteriormente e mostra que, se uma grande massa de documentação aponta uma variedade de paisagens, a inexistência de tabelas oficiais de preços impede uma história com bases mais firmes e uma resposta segura à pergunta-título do livro.

Que nos ficou, então, da leitura do livro? Para além da ausência de referências a Portugal, que, junto com a Espanha, parece não existir na paisagem europeia, um texto agradável, um rol de informações úteis, acompanhadas de uma bibliografia criteriosamente seleccionada e actualizada, e a certeza de que a investigação é, muitas vezes, uma tarefa de Penélope.

Quanto à tradução portuguesa, apresenta-se geralmente rigorosa e fluente, embora polvilhada, aqui e ali, de alguns traçozeiros galicismos e das fatais gralhas tipográficas. No mais, um livro bem apresentado e de particular utilidade não só para historiadores, mas também para os estudiosos das ideias e da literatura na Idade Média e do começo do Renascimento.

S. T. P.

FILIFE DE FIGUEIREDO, *A Obra Literária do P.<sup>e</sup> Donaciano de Abreu Freire. II, O Orador Sagrado*. Estarreja, Casa Municipal da Cultura, 1988, 374 p.; *III, O Orador Sagrado*, ibidem, 1989, 336 p.

Dando sequência à publicação da obra literária do Padre Donaciano de Abreu Freire, trouxe Filipe de Figueiredo a lume mais dois tomos, dedicados aos textos que aquele sacerdote escreveu como pregador. O primeiro inclui as orações elaboradas no Seminário, nos colégios Almeida Garrett e São Carlos, para os diferentes auditórios do Porto, de Pardilhó, Estarreja, Válega, Penafiel, Arouca, Salreu, Braga. O segundo abarca o que foi escrito e proferido como pároco do Bunheiro e de Beduído, e segue a mesma linha do primeiro: antes de cada texto, uma pequena introdução.

No prefácio do primeiro volume, Filipe de Figueiro exalta as qualidades dos sermões, do escritor portanto, sem falar, todavia, das do orador, para o que seria, talvez, necessário buscar testemunhos da época. Mas é importante notar que o organizador chama a atenção para um facto: o de ser o Padre Donaciano figura emergente numa crise da oratória sagrada em Portugal.

Já nos primeiros sermões, apesar dos verdores de quem começa, podem-se notar as preocupações literárias, que se vão acentuando cada vez mais, o que não passa despercebido a Filipe de Figueiredo. Mas, além disso, sente-se em Donaciano de Abreu uma constante necessidade de relacionar Igreja e realidade social. Ordenado logo após a proclamação da República Portuguesa, vive no púlpito a política da separação.

Os sermões documentam ideias amplamente debatidas na época. Paralelamente à defesa dos padres e da missão que lhes é confiada, os textos clamam contra as novas ideias, combatendo o divórcio, que Donaciano vê como «uma barbaridade em relação à mulher», e a esterilidade do amor, «um cálculo que se amplia nas operações de economia política». A educação feminina também é objecto das suas observações. Para ele, o «espírito da mulher é como um barco encantador, alado, temerário, vagando à mercê de todas as correntes... É preciso uma aurora para fixá-lo — e lastro para o carregar — de contrário, mil ventos arrastá-lo-ão a todos os princípios!». No entanto, dar-lhe ciência seria «um gracejo semelhante ao de meter uma bola de chumbo no cálice duma flor, feito para receber o orvalho dos céus!».

A mulher mãe, plebeia ou rainha, aparece inúmeras vezes nos sermões do Padre Donaciano tendo sempre por modelo a Mãe de Deus. Aliás, entre os seus temas predilectos, está a Virgem. Imaculada Conceição, Senhora das Águas, das Dores, do Carmo, da Vitória, do Pilar, do Parto, da Lapa... com as mais variadas tintas faz o seu retrato: «A frente de Maria é pura, nimhada por uma casta cabeleira, pura como um lírio dos campos, cândida como a crista das geleiras que esperam os beijos do sol, porque é feita para os lábios carinhosos do Menino Deus, porque deve trazer um dia uma coroa de rainha, porque deve figurar com honra numa auréola de doze estrelas. Os olhos da Virgem são profundos, muito profundos, abissais, porque têm rios de lágrimas para correr, luminosos porque vêem em Deus e Deus os vê acariciadores porque vigiam o pequeno tesouro do presépio, e têm clarões, e bênçãos e prantos e pálpebras perfeitas e círios perfeitos para velar os sonos estáticos e as

orações recolhidas da Virgem mística!». Entretanto, são os tons da dor os preferidos pelo Padre Donaciano para falar de Maria nos seus sermões. Ainda que não sejam especificamente dedicados à Mater Dolorosa, quem surge é «a Virgem Roxa da História com o Sete Estrelo de espadas no seu peito, de pé no meio da catástrofe que lhe arrebatou a vida do seu Deus». São imagens eminentemente plásticas as que Donaciano de Abreu Freire usa quando se refere a Nossa Senhora, como o são também as referentes à primeira Grande Guerra, outro assunto constante nos textos do autor.

Inúmeros são os sermões que a evocam: o de Nossa Senhora de Entre-Águas, o da missa nova do Padre Boaventura de Matos, os do «Mandato», o de Nossa Senhora do Carmo, o dedicado a Nossa Senhora da Vitória. Não se pense, no entanto, que a guerra é o *leitmotiv* das pregações. Antes, é pela óptica do Cristianismo que o Padre Donaciano a vê, como, por exemplo, nas palavras ditas em louvor de São Sebastião, na festa promovida pelos reservistas de Arouca.

Outra característica retórica é o gosto pela enumeração, de que a oração gratulatória, proferida no solene *Te Deum* pela restauração do bispado de Aveiro, é texto exemplar. Poder-se-ia dizer que o Padre Donaciano é, além de um bom expositor de ideias, um criador de ambiências. Na alocução proferida na primeira comunhão da sua sobrinha, mais do que falar à menina do significado do sacramento, ele exorta-a a pedir a salvação.

Associando sempre a fé e a doutrina cristã ao momento que vive, o orador aproveita a oportunidade de pregar na capela de Nossa Senhora da Batalha para falar do papel da Igreja diante dos operários e patrões. Tem este sermão, como ressalta Filipe de Figueiredo, uma história um pouco amarga. E se, no desabafo escrito pelo Padre Donaciano, lemos que «Deus fez os Bispos de carne e osso, não podendo dispensar os prazeres da autoridade, o sadismo do mando», também podemos observar a sua humanidade quando escreve que os padres são «capazes de beber, sem pestanejar, o cálix de todas as humilhações, sem pedir que Iho tire dos lábios!»; que «na nossa diocese é do melhor interesse mutilar o pensamento, deformar o carácter que seja límpido como um espelho onde todos os íntimos sentimentos se reflectam.»

Foi com esta mesma coragem que Donaciano de Abreu Freire chamou a atenção para o facto de, nas exéquias de Sidónio Pais, falar não como sacerdote, mas como «português» e «português de luto!». Neste texto, aliás, como noutros, nomeadamente no que ele dedica ao último rei de Portugal, podem-se ler ideias-forças que impregnaram a atmosfera mental portuguesa desde os finais do século XIX e que se traduziram, por exemplo, na Renascença Portuguesa e no Saudosismo. Sidónio é o «Desejado, o Encoberto, o Ignoto», cuja «aparição corresponde ao momento psíquico da raça em que ela se põe a morrer nas mãos de Deus, que, na sua misericórdia, suscita o Libertador a tempo.» Os despojos de D. Manuel II são «reliquias de um mártir do patriotismo e da saudade» e a queda da monarquia «produziu um estrondo formidável na manhã última do seu reinado, o ruído metálico do baque no chão de uma antiga armadura que o povo português se ajustou e usava há oito séculos nas lutas pela vida.»

Para além de um bom documento das ideias vigentes em Portugal no início do século e de um belo monumento à fé cristã, os dois novos volumes da obra do Padre

Donaciano são de leitura agradável: «uma rica candeia dourada», como disse D. Francisco, bispo resignatário de Quelimane, que afirma ter a oratória do pároco do Bunheiro agradado a muitos, embora não saiba se converteu alguém.

S. T. P.

CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Epistolae et orationes*. Edição facsimilada. Introdução de Américo da Costa Ramalho. Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1988.

A comemorar o V Centenário da introdução da imprensa em Portugal, foi publicada, em fac-símile, a obra *Epistolae et orationes* de Cataldo Parisio Sículo.

Em nota de abertura, o Prof. José V. de Pina Martins, presidente da Comissão Executiva deste centenário, sublinha a importância cultural e o interesse do texto da obra de Cataldo e enaltece o *cursus laborum* do autor da introdução, o Prof. Américo da Costa Ramalho. O rigor filológico e crítico que este douto investigador põe nos seus trabalhos sobre o humanismo em Portugal, os quais se estendem dos primórdios da *latinitas* renascentista lusitana à obra de Camões, justificam cabalmente tal elogio.

A introdução do livro (p. 9-22) é uma sùmula da investigação acurada do Prof. Costa Ramalho sobre o humanista siciliano, que veio para Portugal em 1485, com 30 anos de idade, para ser mestre do filho bastardo de D. João II, D. Jorge.

Nomeado Cataldo *orator regius*, é nessa qualidade que pronuncia a oração de entrada da princesa Isabel de Castela em Évora, em 28 de Novembro de 1490 e, ao serviço de D. João II e de D. Manuel, redige numerosas cartas diplomáticas em latim, que figuram no livro I das *Epistole*.

Este livro I tem o título completo de *Epistole et orationes quedam Cataldi Siculi* e foi editado em 21 de Fevereiro de 1500 por Valentim Fernandes, em Lisboa. O livro II, *Cataldi epistolarum et quarundã Orationum secunda pars*, é dado a lume cerca de 1513, sem data, nem lugar de impressão.

Nestes dois volumes se incluem ainda, além da correspondência com italianos e da *Oração pronunciada publicamente em Bolonha por Cataldo, em louvor de todas as ciências e da própria Bolonha*, muitas cartas dirigidas a D. Jorge, a D. João II, ao seu amigo D. Diogo de Sousa, futuro bispo do Porto e mais tarde arcebispo de Braga, a célebre oração latina proferida por D. Pedro de Meneses, com dezassete anos de idade, e a numerosa correspondência trocada com este seu discípulo, seus pais e tios, os Meneses e Noronhas da casa de Vila Real e ainda outras pessoas nobres.

Cataldo endereça as suas cartas sobretudo a personagens da corte ou ocupa-se de personagens da corte, pelo que constituem um extraordinário documento do Portugal da Renascença: a expulsão dos judeus, a expansão ultramarina, os interesses